

160 TONELADAS PARA O VIETNÃ

CAMARÃO BRASILEIRO CHEGA AO SUDOESTE ASIÁTICO DANDO UM PASSO IMPORTANTE PARA CONSOLIDAR E AMPLIAR O RETORNO AO MERCADO INTERNACIONAL

MARIANA CAVALCANTI, DA REDAÇÃO
mariana.cavalcanti@curuca.org

Camarão brasileiro no Vietnã era algo que parecia impensável até pouco tempo atrás. Mas 2014 começou com o pé direito para o setor. Em janeiro, a principal produtora do crustáceo no Brasil, Potiporã Aqualcultura (Pendências/RN) - empresa do Grupo Queiroz Galvão - fechou um contrato de oito contêineres (160 toneladas) de camarão cultivado para o Vietnã, que é nada mais nada menos, o segundo maior exportador de camarão e terceiro maior produtor, perdendo somente para China e Tailândia.

E as boas notícias, segundo o superintendente da Queiroz Galvão, Sérgio de Lima Cavalcanti, não param por aí. "Estamos em negociação com Tailândia, Itália e México". A Potiporã, desde o segundo semestre do ano passado, já vinha exportando para a Europa, após ficar cinco anos e meio sem exportar o produto. "A oferta mundial de camarão está reduzida, com preço competitivo e movimentação cambial favorável. Voltamos ao mercado externo na metade do ano de 2013, vínhamos somente trabalhando o mercado interno desde 2008, quando começaram os casos da Síndrome da Mortalidade Precoce (EMS)", relata.

De acordo com o presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Camarão (ABCC, Natal/RN), Itamar Rocha, as oportunidades para a consolidação do retorno do camarão cultivado no Brasil para o mercado internacional estão postas e se apresentam promissoras, uma vez que a crise na carcinicultura asiática, em decorrên-

cia da EMS deverá persistir durante 2014, inclusive já se alastrou para a Índia e para México, o primeiro país afetado na América Latina. "Nenhum país, caso não adote fortes medidas restritivas contra a entrada de crustáceos dos países ou regiões contaminadas, estará livre dessa enfermidade, basta ver o exemplo do México e mais recentemente da Índia. Além disso, a adoção complementar de Boas Práticas de Manejo e Biossegurança são ferramentas indispensáveis para se evitar a proliferação de doenças virais", explica.

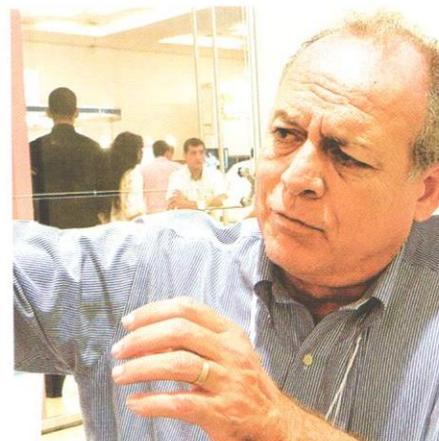
Quanto às perspectivas para exportação este ano, ele é enfático: "Considerando a competitividade do mercado interno, só retornaremos com força ao mercado internacional, se forem realizados os necessários investimentos para viabilizar a implantação de novas unidades produtivas ou a intensificação dos cultivos nas unidades atualmente em operação", argumenta o presidente.

Nesse contexto, Rocha destaca que a produtividade média da carcinicultura brasileira em 2003 foi de 6.083 kg/ha/ano, em 2011 foi reduzida para 3.500 kg/ha/ano, "portanto, considerando que temos atualmente mais de 22 mil hectares de viveiros construídos e em condições de operação, se forem disponibilizados incentivos e financiamentos para adequações e custeio, não temos dúvidas de que o Brasil poderia dobrar a atual produção de 85 mil toneladas para 150 a 170 mil toneladas em um ou dois anos", relata.

Em 2013, segundo dados da ABCC, o Brasil exportou apenas 612 toneladas correspondentes a US\$ 4,1 milhões. E, para o presidente, se foram disponibilizados os financiamentos para investimentos e custeio, esse número poderá crescer para cinco a sete mil toneladas e um valor próximo a US\$ 50 milhões. ■



PRESIDENTE DA ABCC, **ITAMAR ROCHA** REFORÇA QUE, PARA A CARCINICULTURA BRASILEIRA GANHAR PROJEÇÃO NO MERCADO EXTERNO, SÃO NECESSÁRIOS INVESTIMENTOS EFETIVOS NO SETOR



"EM 2014 TAMBÉM LANÇAREMOS NO VAREJO PRODUTOS COM MARCA PRÓPRIA", ADIANTA **SERGIO DE LIMA CAVALCANTI**